Pesquisando o Arquivo de Gustavo Capanema (2009)

Simon Schwartzman

Quase trinta anos depois, o que ficou na memória do trabalho nos arquivos de Gustavo Capanema que não está em *Tempos de Capanema*, e que já não foi narrado na reconstituição feita pelas minhas companheiras de jornada[1], e que merece ainda ser contado?

A primeira lembrança foi a excitação de ter acesso a este imenso arquivo, de poder olhar de dentro um pedaço da história ainda viva em suas conseqüências, mas da qual se sabia tão pouco, e com tantos mitos. E, ao mesmo tempo, a perplexidade: por onde começar? Como encontrar o fio da meada? Era um arquivo imenso, com mais de 200 mil documentos, incluindo cartas, fotos, impressos, recortes de jornal, anotações pessoais... Muitos eram totalmente pessoais, outros claramente oficiais, e muitíssimos outros ficavam em uma zona cinzenta em que particular e público se misturavam e se confundiam. O trabalho exaustivo de organização e catalogação do arquivo mal estava começando, e havia como saber o que constava das pastas e pastas armazenadas nos armários a não ser abrindo uma a uma....

Aprendi com meu professor de metodologia que haviam dois tipos de pesquisadores, o pescador de vara, que prepara o anzol para um peixe determinado, e o pescador que joga a rede ao mar e vê o que ela traz. O primeiro faz o que ensinamos a nossos alunos como deve ser feito: ter uma hipótese, e depois procurar os dados que possam confirmá-la ou refutá-la. Eu sempre fui do segundo tipo, jogando as redes e vendo o que elas trazem de surpresa. E que mar poderia ser maior do que os 200 mil documentos de Capanema?

Se me lembro bem, a primeira decisão foi começar a olhar, sistematicamente, as pastas de correspondência, e selecionar e copiar aquelas que pareciam mais interessantes, seja pelos nomes que apareciam, seja pelos temas que eram

[1] Helena Bomeny e Vanda Ribeiro Costa ,"Três sociólogos e um arquivo", em Luisa F. Schwartzman e outros, *O Sociólogo e as Políticas Públicas - Ensaios em Homenagem a Simon Schwartzman*, Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2009, pp. 67-78.

tratados. Esta leitura foi, aos poucos, permitindo que fôssemos formando uma idéia de quem era, na verdade, Gustavo Capanema, o que lhe importava, com quem conversava, de quem discordava, quais eram os temas que estavam sendo discutidos e debatidos. O Ministério da Educação daqueles tempos era também da Saúde e da Cultura, mas, pelo menos para nós, os temas da educação e da cultura foram os que nos preocuparam, e estão no livro, enquanto que os de saúde não aparecem. Pode ser que seja porque estes temas nos interessavam mais, mas minha lembrança é que os temas de saúde não suscitavam dúvidas nem controvérsias, como suscitam hoje. Minha lembrança era que os documentos narravam uma sucessão de decisões administrativas criando hospitais, nomeando pessoas, construindo prédios, sem nenhuma controvérsia, nenhum questionamento, nada que indicasse que estavam sendo feitas opções que poderiam ter impacto de longo prazo para o país. Talvez hoje, se voltasse aos arquivos, eu tivesse uma visão diferente.

Como era afinal, como pessoa, Gustavo Capanema, e em que medida sua personalidade influenciou nos desenvolvimentos da educação e da cultura do Brasil nas décadas seguintes? Capanema nasceu em 1900, e tinha 80 anos de idade quando trabalhávamos em seu arquivo. O ano em que publicamos o livro, 1984, foi também o ano de seu falecimento. Era importante, para nós, ser verdadeiros na análise dos documentos e dos fatos, não fazer da pesquisa uma história comemorativa de seus feitos, e, ao mesmo tempo, respeitar a pessoa, a vida e a memória de nosso personagem, de seus familiares e de associados mais próximos. Nem sempre isto foi fácil, porque o Capanema que surgia das cartas e documentos era muitas vezes diferente da figura idealizada que tinha sido construída a seu redor, como homem culto, moderno e amante às artes e à literatura. Nossa opção foi mostrar os fatos, narrar o que havia, e deixar o juízo de valor para os leitores. Isto foi feito, sobretudo, no anexo do livro com a transcrição da correspondência entre Capanema e personalidades como Carlos Drummond de Andrade, seu fiel chefe de gabinete; Alceu Amoroso Lima, seu mentor espiritual; Francisco Campos, que o trouxe para a política, e depois o renegou; e o torturado Mário de Andrade, que nunca achou o lugar prometido

nos projetos culturais daqueles anos. É uma pena que esta parte do livro nunca tenha sido objeto da leitura e da análise que mereceria.

Nos últimos anos de vida Carlos Drummond de Andrade tentou, sem sucesso, conseguir para Capanema um assento na Academia Brasileira de Letras. Não era uma tarefa fácil, porque, na verdade, e ao contrário da imagem que se criou, Capanema nunca foi um homem de idéias, e nunca teve pretensão literária. Ele tinha, certamente, uma fascinação pelo prestígio e glamour que vinha da convivência com artistas e literatos, dos quais se aproximava através de Carlos Drummond, mas não há nada, ou pelo menos não encontramos nada que indicasse que ele entendesse ou tivesse simpatia (ou antipatia) pelas idéias que motivavam e moviam os modernistas. E embora, em muitas de suas ações e projetos, ele se aproximasse ideologicamente do pensamento mais conservador – como por exemplo na proposta do Estatuto da Família – tampouco o fazia, aparentemente, por convicção. Embora se alinhasse estreitamente com Alceu Amoroso Lima, no cumprimento do pacto entre Getúlio Vargas e a Igreja Católica, que ele havia herdado de Francisco Campos, nada indica que fosse um católico militante, além do catolicismo tradicional das famílias mineiras.

A imagem de Capanema modernista ficou marcada pela construção do prédio do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, sob a liderança de Lúcio Costa. Mas, como mostramos no livro, o grande projeto arquitetônico do Ministério da Educação não era este, mas o da cidade universitária que nunca chegou a ser construída, e que foi encomendada a Marcello Piacentini, o arquiteto de Mussolini, e que seguia um estilo classissista que felizmente não chegou a ser implementado (como não chegou a ser implementado, também felizmente, o projeto mirabolante de Le Corbusier e os modernistas, que previam pistas suspensas sobre a Quinta de Boa Vista). Derrotados na principal competição, os modernistas brasileiros acabaram ficando com o prédio do MEC como prêmio de consolação.

O projeto de construção da Cidade Universitária, aliás, era bem típico da falta de idéias que imperava no Ministério da Educação. Na melhor tradição brasileira, começa-se pelos prédios, com a esperança de que um dia eles se encham de

conteúdo. Não foi possível encontrar, na documentação, nenhum documento que discutisse o tipo de universidade que se pretendia, alem da idéia fixa de que ela deveria ter centrada em uma Faculdade de Filosofia, tal como dizia a legislação de Francisco Campos de 1931, e que ela deveria ser entregue à direção conservadora de Alceu Amoroso Lima. Seguindo o exemplo da USP, a nova universidade deveria trazer professores da Europa, mas, aqui, com o cuidado de garantir antes a pureza católica e conservadora dos convidados. Tampouco se vê nenhuma reflexão ou proposta mais inovadora sobre a educação básica, tema que havia agitado os meios intelectuais brasileiros até o início dos anos 30, e que foi abafado com o fechamento da Universidade do Distrito Federal e o afastamento de Anísio Teixeira. No livro, tratamos de reunir o que encontramos sobre os diversos temas, mas o que predomina são as visões educativas mais convencionais, que, na prática, pouco saem do papel.

Nos últimos anos do governo Vargas, Capanema se propôs a organizar uma obra monumental para documentar as realizações do Estado Novo. Encontramos, no arquivo, várias versões dos diversos capítulos, que foram selecionados e publicados em um livro, *Estado Novo – Um Auto-Retrato* (Editora da Universidade de Brasília, 1982). Os capítulos eram solicitados aos diferentes ministérios e revistos por Capanema, que também se propôs a escrever o artigo introdutório sobre Getúlio Vargas, com quem ele nunca teve maior aproximação. Escritos na época em que Vargas namorava abertamente os regimes fascistas europeus, Capanema escreve um texto laudatório de endeusamento do Chefe, que passa por várias versões; enquanto isto, ele não consegue produzir o texto relativo a seu próprio Ministério.

Seria possível pensar que, no dilema clássico entre o intelectual e o poder, Capanema, homem de governo, teria optado pelo poder. Mas o fato é que ele também não era uma pessoa voltada ao poder no estilo usual brasileiro. Os documentos mostram sua constante preocupação em preservar a autoridade de seu cargo, e com isto se manteve no governo ao longo de tantos anos. Em um ambiente político aonde predominava o personalismo e as disputas pelas vantagens dos cargos públicos, Capanema se manteve pessoalmente pobre e compenetrado em desempenhar bem suas funções, tal como ele as entendia e

como as circunstâncias permitiam. Em 1954, quando Getúlio Vargas cai em desgraça, é ele que, sozinho, sobe à tribuna para defender, em discurso memorável, a trajetória de seu chefe.

A impressão que fica na lembrança, depois de conviver com seus papéis e tentar contar a história daqueles anos, é que Capanema não era um intelectual, não era uma pessoa de idéias e valores progressistas, e tampouco era um político como os outros. O que era, para o bem e para o mal, era um servidor público, um homem dedicado a cumprir com toda a seriedade (e não há nada que indique que ele tivesse senso de humor) sua função pública. Nisto, pessoas como ele certamente nos fazem falta.